

Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Ceilândia (FCE)

Maria Clara Luciano Silva

**Os efeitos da parentalidade na comunicação dos filhos: uma revisão integrativa da
literatura**

The effects of parenting on children's communication: an integrative review of the
literature

Los efectos de la paternidad en la comunicación de los hijos: una revisión integrativa de
la literatura

Brasília
2021

Maria Clara Luciano Silva

Os efeitos da parentalidade na comunicação dos filhos: uma revisão integrativa da literatura

The effects of parenting on children's communication: an integrative review of the literature

Los efectos de la paternidad en la comunicación de los hijos: una revisión integrativa de la literatura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Fonoaudiologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do diploma de Bacharel em Fonoaudiologia.

Orientador: Prof. Dra. Corina Elizabeth Satler

Co-orientador: Fga. Joceli Duarte Fiamoncini

Brasília

2021

Sumário

1. Resumo	1
2. Introdução	2
3. Métodos	3
4. Resultados	4
5. Discussão	5
6. Conclusão	6
7. Referências	7

Apresentação

O presente estudo foi desenvolvido para o Trabalho de Conclusão de curso de Fonoaudiologia da Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia. O trabalho aborda os estilos parentais e quais são seus efeitos na comunicação dos filhos. O intuito desse trabalho é aumentar as informações científicas acerca desse tema pouco pesquisado no Brasil e melhorar a atuação clínica fonoaudiológica e psicológica com os achados da pesquisa.

A revista escolhida para publicação foi a Relatórios Psicológicos que possui publicações de acesso aberto com uma periodicidade semestral da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Bolivariana. Essa revista recolhe resultados de pesquisas científicas e reflexões nas áreas sociais e da psicologia, buscando promover o intercâmbio de conhecimentos e opiniões.

Os efeitos da parentalidade na comunicação dos filhos: uma revisão integrativa da literatura

The effects of parenting on children's communication: an integrative review of the literature

Los efectos de la paternidad en la comunicación de los hijos: una revisión integrativa de la literatura

Autoras: Maria Clara Luciano Silva¹, Joceli Duarte Fiamoncini² e Corina Elizabeth Satler³

1. Graduanda do curso de Fonoaudiologia da Universidade de Brasília - UnB, Faculdade de Ceilândia (FCE);
2. Fonoaudióloga formada pela Universidade de Brasília - UnB, Faculdade de Ceilândia (FCE) - Co-orientadora do trabalho de conclusão de curso;
3. Professora Associada da Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia (FCE/UnB) e orientadora do trabalho de conclusão de curso.

Resumo:

O objetivo foi responder às questões de pesquisa: quais são os efeitos da parentalidade na comunicação dos filhos? E, se existe algum nível parental que afeta mais a função comunicativa das crianças. A coleta de dados foi realizada em bases de dados; incluíram-se artigos originais em português, inglês e espanhol que respondessem às perguntas da pesquisa. Encontrou-se 1320 estudos; foram excluídas 194 duplicatas, 32 devido o idioma e 91 revisões de literatura. A amostra final foi composta por quatro artigos. A parentalidade responsiva apresentou um impacto positivo no desenvolvimento das crianças na comunicação infantil; o estilo parental autoritário tende a impactar negativamente as crianças e trazem problemas no desenvolvimento e comportamento social. Foi possível observar os efeitos da parentalidade na comunicação dos filhos e em alguns tipos parentais os efeitos são negativos e em outros, positivos. Foi comprovado que todos os estilos parentais afetam a comunicação dos filhos.

Introdução

Comunicar-se é um ato humano de externar sentimentos, compartilhar mensagens, ideias e emoções, podendo influenciar o comportamento das pessoas, na qual, reagirão a partir de suas crenças, valores, história de vida e cultura (Videira, 2016). O processo de comunicação do ser humano se dá desde os primeiros momentos de vida, através da linguagem, que é a capacidade do homem de se comunicar por meio de uma língua (da Silva, 2000; Vigotski, 2001).

A comunicação pode estar presente na forma não verbal, verbal ou de forma mista, que transita entre as duas. Na forma verbal, para que exista uma fluidez de informações são necessários dois ou mais indivíduos: um, no papel de emissor, sendo aquele que transmite a informação; e outro, como receptor, aquele que a recebe (Campelo, 2021). Na forma não verbal, a linguagem engloba os diferentes sinais corporais, expressão facial, contato visual, gestos e movimentos posturais (Ramos & Bortagarai 2011).

Antes de dominar as palavras, os bebês utilizam da fala pré-linguística para se comunicarem. Primeiramente, se comunicam através do choro, arrulho, balbucio, a imitação acidental e deliberada, sem compreensão do significado (Papalia & Feldman, 2013). Posteriormente, a fala é adquirida através da aquisição da linguagem que se dá em contextos informais diários e nas relações sociais e dialógicas que se iniciam desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê (Marcuschi, 2007).

A aquisição da linguagem causa diversas indagações em pesquisadores e pais que buscam compreender como se dá esse complexo processo no curto período de vida de uma criança (Martins & Mariano, 2020). Assim, “A linguagem é atividade constitutiva do conhecimento de mundo pela criança” (Scarpa, 2012, p. 218) e se torna essencial para o processo de aquisição, interação social e atividade comunicativa com seus familiares. A partir do primeiro ano de vida surgem as primeiras palavras, com inventário fonético reduzido (/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /m/, /n/), estrutura silábica simples ligada ao presente imediato e vocabulário com 20 a 40 palavras (Ferreira, 2016; Sandri, Meneghetti & Gomes, 2009). Dos 18 aos 24 meses, a linguagem começa a ser empregada para informar situações passadas, com orações de 2 a 3 vocábulos e cerca de 50 a 150 palavras em seu vocabulário (Lorandi, Cruz & Scherer 2011; Klunk, 2018).

Dos 2 aos 4 anos, a linguagem começa a ser utilizada para informar ações correspondentes ao passado, presente e futuro, com frases de 3 a 4 palavras de intervalo fonético maior (/f/, /v/, /s/, /z/, /x/, /j/, /l/, /r/) e vocabulário entre 500 a 1000 palavras

(Ferreira, 2016; Klunk, 2018). Nessas idades, as crianças começam a utilizar pronomes na 2º e 3º pessoa, desenvolvem habilidades de resposta a duas ordens consecutivas, usam frases negativas e interrogativas e apresentam possibilidade de relatar fatos vivenciados (Oliveira, Da Rocha & Elane, 2008). A partir dos 4 anos, a linguagem apresenta estruturas mais complexas; a habilidade narrativa e imaginativa é consolidada; há o uso de 1500 a 3000 palavras com encontros consonantais (/lh/) e apresentam fala fluente (Grolla, 2014; Klunk, 2018).

As primeiras vivências do indivíduo causam muitos impactos em todo o desenvolvimento pessoal, inclusive nos aspectos cognitivos, ressaltando a importância da participação da família em ambientes seguros e saudáveis que possibilitem à criança desenvolver-se (Silva, 2018). Desse modo, a família é o primeiro contato da criança com o meio social e exerce papel fundamental no desenvolvimento infantil (Carvalho, Lemos & Goulart, 2015; Ribeiro, Tavares & Caetano, 2012). O ambiente familiar e as relações sócio parentais saudáveis exercidas favorecem um bom desenvolvimento (Guimarães, 2013), quando contrário, a criança está sujeita a traumas, figuras de apego, instabilidade emocional e fatores de risco para o seu desenvolvimento (Marturano & Elas; 2016).

As crianças são extremamente sensíveis à forma que falamos com elas. Segundo Bezerra e Lima (2020), “O tom de voz elevado pode ter o efeito reverso, pois muitas vezes não gera no psicológico da criança o medo, mas, por outro lado, os induz à revolta e é um condutor para o processo de ansiedade e agressividade”. Logo, a maneira como os pais interagem com os filhos reflete o estilo de parentalidade que eles exercem. O termo “*Parentalidade*” surgiu na década de 60, para marcar as dimensões de processo e de construção do exercício da relação dos pais com os filhos (Zornig, 2010). A parentalidade é um dos elementos que se relacionam aos laços familiares entre os pais e uma criança e também remetem às funções parentais como os cuidados básicos, alimentação, educação, saúde (Fonseca & Lomando, 2019) interações sociais e qualidade de vida (Masud, 2016). Também podemos definir que a parentalidade como aprendizagem observacional dos comportamentos dos pais, que são, estímulos para comportamentos semelhantes dos filhos (Berger & Riojas - Cortez, 2012).

A parentalidade é dividida em quatro categorias caracterizada pelo comportamento dos pais: autoritário, autoritativo ou democrático, permissivo que, pode ser indulgente ou negligente (Carvalho & Silva, 2014). A parentalidade autoritária busca, através da autoridade imposta, moldar o comportamento dos filhos através de

padrões rígidos e inflexíveis (Benchaya, Bisch, Moreira, Ferigolo & Barros, 2011). Os pais desse estilo valorizam a ordem absoluta e recorrem a atitudes punitivas para controle de comportamento dos filhos. Esses pais incutem na criança valores como responsabilidade, preservação da ordem e a tradição familiar; os filhos têm restrição de autonomia e não são encorajados a se posicionarem e exprimirem suas opiniões sobre assuntos, já que a opinião dos pais deve ser aceita e não contestada (Granja & Mota, 2018; Papalia, Olds & Feldman, 2013).

Pais que exercem o estilo parental autoritativo ou democrático utilizam da disciplina baseada em expectativas adequadas para as competências da criança conforme a idade e o entendimento; os pais são responsivos às necessidades filiais com elevados níveis de afeto e os estimulam a terem responsabilidade e autonomia em níveis intermediários; usam do poder parental de forma equilibrada e não punitiva; apoiam e ensinam seus filhos a viver em um ambiente estimulador e desafiante (Ribeiro, Gomes & Felizardo, 2015; Silva, 2017; Granja & Mota, 2018).

A parentalidade permissiva, possui duas classificações, tendo por base a dimensão de exigência: o estilo indulgente e o estilo negligente (Papalia, Olds & Feldman, 2013). Em ambos, a dimensão da exigência é baixa, porém os permissivos indulgentes são pais responsivos e os negligentes, não (Castro, 2014). Esse estilo parental se caracteriza por comportamentos de aceitação e expressão dos desejos da criança, ou seja, os pais se portam de maneira não punitiva para lidar com atitudes erradas da criança e são receptivas diante dos desejos e ações destas; prezam pela autoexpressão e autorregulação, e, dessa forma, não estimulam a responsabilidade e a obediência. Os pais permissivos proporcionam total autonomia para que os filhos tomem suas decisões (Silva, 2017; Silva, 2019).

Os pais são os primeiros professores das crianças e o estilo parental tem um impacto direto no seu desenvolvimento (Masud, 2016). Cada estilo parental faz com que os pais tenham uma forma de comunicação e interação com seus filhos e, conseqüentemente, causam efeitos prolongados sobre o desenvolvimento emocional e psicológico das crianças (Maiai & Soares, 2019).

As crianças que estão inseridas em um ambiente com padrões adequados de comunicação apresentam melhores níveis nas interações sociais, de forma saudável com os pares e menor probabilidade de apresentarem problemas de comportamento (Guimarães, 2013). O comportamento verbal saudável também influencia na aprendizagem interpessoal da criança e no comportamento moral (Del Prette & Del

Prette, 2006). Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo verificar e analisar através da revisão integrativa da literatura os efeitos da parentalidade na comunicação das crianças e, se existe algum nível parental que afeta mais a função comunicativa das crianças.

Métodos

Esta pesquisa caracteriza-se como uma Revisão Integrativa da Literatura acerca dos efeitos da parentalidade na comunicação dos filhos. Esse tipo de revisão de literatura traz uma abordagem metodológica ampla que permite a inclusão de diversos estudos experimentais ou não. Esse tipo de revisão combina dados teóricos e empíricos, além de incorporar uma gama de propósitos como revisão de teorias e evidências, análise de problemas metodológicos e definição de conceitos (Souza, Silva & Carvalho, 2010).

A coleta de dados foi realizada durante os meses de junho e julho do ano de 2022 através das bases de dados *PubMed*, *PsycInfo*, *BIREME* (VHL - Virtual Health Library), *Scopus* e *Web of Science*. Os descritores e estratégias de busca utilizados na pesquisa foram: parenting AND communication AND son; parenting AND communication AND "Parent-Child Relations", e parenting AND communication AND (son OR Parent-Child Relations). Os descritores foram extraídos da plataforma DeCS - Descritores em Ciências da Saúde e MeSH - Medical Subject Headings.

Foram incluídos nesta revisão de literatura somente artigos originais em português, inglês e espanhol que respondessem à pergunta motivadora da pesquisa. Os estudos se limitaram às publicações dos últimos cinco anos para focar em estudos mais atuais. Os critérios de exclusão foram: artigos referentes a comunicação parental com crianças atípicas e com alguma patologia de base, artigos sobre pais com transtornos mentais e problemáticas conjugais, revisões de literatura, relatos de caso, cartas, teses, dissertações, livros, resumos e anais de congressos. A análise dos estudos foi realizada por uma das autoras e ao surgirem questionamentos, os estudos foram revisados na íntegra por ambas as pesquisadoras, estabelecendo-se uma concordância sobre a seleção ou não do artigo.

Após a identificação dos artigos nas bases de dados, foram excluídos artigos duplicados, através do *software EndNote*, e em línguas divergentes do critério de inclusão. Em seguida, foi criada uma planilha na plataforma Excel com as informações relevantes e foi realizada a leitura dos títulos e resumos dos estudos e excluídos os que

não se encaixavam nos critérios de inclusão. Para eleger os artigos, aquelas pesquisas que apresentavam características sobre o assunto foram submetidas a uma revisão de texto na íntegra. Os artigos selecionados estão descritos na Tabela 1.

Resultados

Inicialmente foram encontrados nas bases de dados utilizadas 1320 estudos, dos quais foram excluídos 194 duplicatas, 32 devido à língua de publicação e 91 revisões de literatura, resumos, livros, relatórios, teses e comentários. Após a triagem de exclusão por título, resumo e texto integral, a amostra final foi composta por quatro artigos (Figura 1).

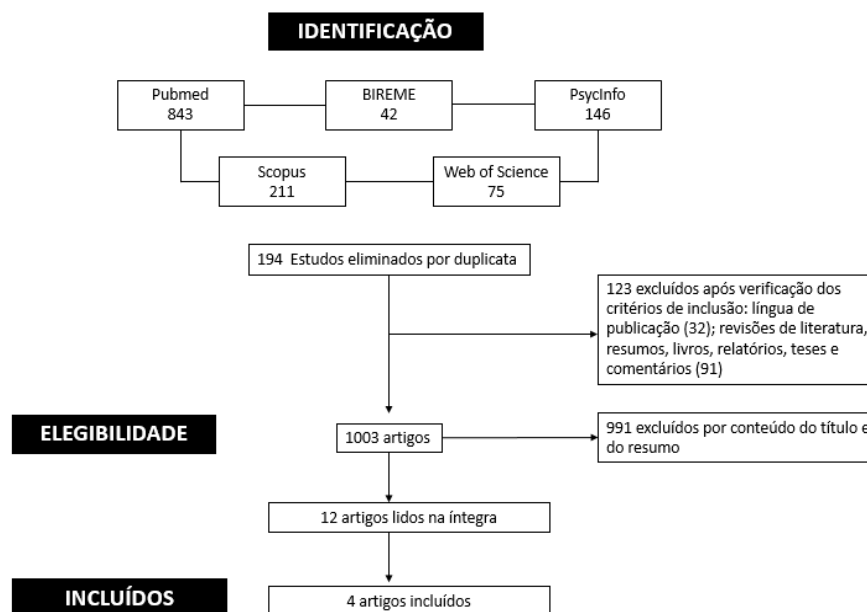


Figura 1. Fluxograma do processo de seleção dos estudos

Os quatro artigos selecionados foram escritos durante os anos de 2016 e 2019 em países diferentes como os Estados Unidos, Irlanda, China e Coreia. Observou-se três estudos clínicos randomizados (Garcia *Et Al.*, 2019; Hughes & Devine, 2017; Wang, Li & Zhu, 2019) e apenas um estudo longitudinal (Cha, 2016), ambos com maior nível de evidência científica. Os estudos tiveram por objetivo avaliar a relação dos estilos parentais com a linguagem (Hughes, Devine, 2017; Hughes & Devine, 2017; Wang, Li & Zhu, 2019), com a capacidade de comunicação das crianças com seus pares (Garcia *et al.*, 2019), com as funções executivas (FE) exercidas pelas crianças e com o desenvolvimento sociocognitivo precoce (Cha, 2016; Hughes & Devine, 2017).

Cada estudo apresentou diferentes instrumentos de rastreio em suas pesquisas. O tipo de parentalidade foi analisado através dos protocolos Parental Style Questionnaire - PSQ de Bornstein, 1989 (Cha, 2016) e a escala desenvolvida por Yang e Yang em 1998 (Wang, Li & Zhu, 2019). Outros instrumentos foram utilizados visando rastrear vocabulário, inteligência emocional das crianças e atividades de sociabilidade: Vocabulary and Matrix Reasoning subtests of the Escala de Inteligencia Wechsler e Brief Infant-Toddler Social and Emotional Assessment (Garcia *Et Al.*, 2019); Korean Age and Stages Questionnaire - K-ASQ e Emotionality, Activity and Sociability (EAS) - Temperament Survey for Children-Parental Ratings (Cha, 2016).

No eixo temático da parentalidade e comunicação, verificou-se que três artigos (Cha, 2016; Hughes & Devine, 2017; Garcia *et al.*, 2019) relacionam o estilo parental com a comunicação e o desenvolvimento da linguagem das crianças. Apenas um estudo (Wang, Li & Zhu, 2019) observou uma correlação significativa entre a influência do estilo parental, o nível de inteligência emocional das crianças e sua capacidade de comunicação com os pais, o que também indica que quanto mais forte for a capacidade de comunicação com os pais das crianças, maior será sua inteligência emocional.

O estudo longitudinal realizado na Coreia (Cha, 2016) apresenta dados voltados para as diferenças de gênero nas relações entre pais responsivos e o resultado de comunicação, onde os meninos são mais sensíveis a pais responsivos durante o desenvolvimento inicial. No estudo, a parentalidade responsiva previu níveis mais altos de capacidade de comunicação apenas em meninos, e não em meninas. Nota-se que nenhum outro artigo selecionado nesta revisão de literatura levantou diferenças de gênero nas relações parento-filiais.

Hughes e Devine (2017) escreveram em sua pesquisa sobre as influências parentais nas funções executivas das crianças. Além disso, apresentou uma visão diferenciada da influência dos pais nas interações parento-filiais negativas e em pais que apresentam andaimes parentais - processo de “mudança contingente”, seguindo uma regra de contingência, alterando a especificidade da instrução para fornecer instrução direta quando necessário - mostraram-se associações únicas e específicas com as funções executivas na infância; o ambiente de aprendizagem em casa e as medidas de linguagem dos pais mostraram associações globais com funções executivas e habilidades verbais (AV) das crianças.

Tabela 1. Estudos longitudinais incluídos

Referências	Tipo De Estudo	Título	Objetivo	Resultados
Cha (2016) Coreia	Estudo longitudinal	Relationships among Negative Emotionality, Responsive Parenting and Early Socio-cognitive Development in Korean Children	Diferenciar a interação longitudinal entre a emocionalidade negativa, a parentalidade e o respetivo domínio do desenvolvimento sociocognitivo precoce entre meninos e meninas durante os primeiros 2 anos de vida, com uma amostra não clínica de uma cultura não-ocidental.	A emocionalidade negativa, comportamentos parentais e o desenvolvimento sociocognitivo das crianças durante os anos iniciais são estáveis, com diferença entre meninos e meninas.
Garcia, Hungerford, Hill, Barroso & Bagner (2018). EUA	Ensaio clínico randomizado	Infant Language Production and Parenting Skills: A Randomized Controlled Trial	Analisar o efeito das intervenções comportamentais parentais na produção da linguagem e o uso das habilidades de atendimento positivo como mediador para o aumento da produção de linguagem em bebês	Efeito indireto significativo das habilidades parentais positivas na relação entre grupo e total de enunciados infantis no seguimento de 6 meses, de modo que os bebês cujos cuidadores aumentaram o seu uso de habilidades parentais positivas sugerem que cuidadores do grupo intervenção que

				utilizaram habilidades parentais mais positivas após a intervenção foram mais propensos a ter um bebê exibindo maiores ganhos em produção de linguagem medida pelo total de enunciados falados durante a direção infantil jogar.
Hughes & Devine (2017) UK	Ensaio clínico randomizado	For Better or for Worse? Positive and Negative Parental Influences on Young Children's Executive Function	Estudar ambas as posi-influências parentais positivas e negativas nas crianças FE, a fim de determinar se tais medidas mostram associação única ou sobrepostas com FE infantil e, realizar paralelo com a AV infantil como desfecho, a fim de avaliar a especificidade das influências parentais sobre criança EF.	Os resultados revelaram que os pais-filhos negativos Interactions (caracterizada por afeto negativo, crítica, e controle) mostrou um inverso único, específico assoEF infantil, enquanto andaime parental mostrou uma associação positiva única e específica com criança EF e a entrada da linguagem parental foram relacionadas a ambos função executiva e capacidade verbal
Wang, Li & Zhu (2019). China	Ensaio clínico randomizado	Emotional intelligence of 3-to 6-year-olds and parenting style: Peer	Verificar se o estilo parental estará positivamente relacionado à capacidade de	A capacidade de comunicação entre os pares das crianças desempenha um papel partidário na influência

		communication ability as a mediator	comunicação entre pares de crianças de 3 a 6 anos; se a capacidade de comunicação entre pares estará positivamente relacionada à inteligência emocional de crianças de 3 a 6 anos de idade e, se a capacidade de comunicação entre pares desempenhará um papel mediador na influência do estilo parental na inteligência emocional das crianças	do estilo parental na inteligência emocional das crianças; o estilo parental afeta a inteligência emocional das crianças e tem um significado importante para o uso prático, isto é, aconselhando os pais a adotar um estilo de educação autoritário ou democrático e cultivar a capacidade de comunicação entre os seus filhos, que pode promover indiretamente o desenvolvimento da inteligência emocional das crianças, respeitando as diferenças individuais e a personalidade das crianças
--	--	-------------------------------------	---	---

Discussão:

O presente estudo teve como objetivo responder através da revisão integrativa da literatura às seguintes questões de pesquisa: quais são os efeitos da parentalidade na comunicação de seus filhos? E, se existe algum nível parental que afeta mais a função comunicativa das crianças.

Os artigos incluídos na presente revisão identificaram que a parentalidade responsiva, ou autoritativa/democrática, apresentou um impacto positivo no desenvolvimento das crianças nos aspectos comunicativos da primeira infância (Cha, 2016); indicaram que os pais que utilizam habilidades parentais positivas são propensos a terem filhos com maiores ganhos em produção de linguagem (Garcia *et al*, 2019).

De forma complementar, a pesquisa de Hughes e Devine (2017), evidenciou que as interações negativas parento-filiais caracterizadas por afeto negativo, controle e críticas mostraram uma associação inversa e específica com a FE infantil, enquanto pais que utilizam o andaime parental obtêm resultados positivos associados a FE. Esses achados corroboram com pesquisas anteriores que mostram que o estilo parental autoritário tende a causar um impacto negativo nas crianças e trazem problemas no desenvolvimento e comportamento social, por outro lado, crianças com pais democráticos apresentam melhores resultados adaptativos e competências sociais como a comunicação (Oliveira, Da Rocha & Elane, 2002; Baumrind, Larzelere & Owens, 2010).

No estilo parental autoritário, a comunicação entre pais e filhos é não responsiva, com rejeição e sem valorização do diálogo, em consequência do alto grau de controle parental e exigências excessivas; os pais tendem a monopolizar o poder de decisão e valorizar de forma exacerbada as regras e normas impostas (Sofia & Esteves, 2010; Baumrind, Larzelere & Owens, 2010).

Nesse sentido, existe um consenso de que o uso de um estilo parental democrático permitiria que os filhos se desenvolvam em um ambiente familiar saudável, com senso de autonomia, domínio, autocompetência e autoconfiança nos domínios sociais e acadêmicos, além de promover melhorias na comunicação e no desenvolvimento de linguagem (Chong & Chang, 2002). Os pais que exercem a parentalidade autoritativa/democrática buscam comunicar-se de forma eficaz, estimulando o diálogo com a criança de forma aberta e clara, baseando-se no respeito mútuo; os pais encorajam a troca de ideias e explicam as ordens que dão aos seus filhos e, quando a criança se manifesta contrariamente, solicitam-lhe que explique os seus motivos (Ojeda, 2020). A parentalidade autoritativa cria um ambiente familiar estimulante e saudável, onde os pais assumem papel de apoio às necessidades das crianças com afeto, propiciando boas condições para o desenvolvimento pessoal e cognitivo adequado (Guimarães, 2013).

Por outro lado, apenas a pesquisa realizada por Garcia *et al.* (2019) descreve que existe a possibilidade das habilidades parentais positivas não serem completamente entendidas pelos bebês durante os primeiros meses de vida e que seriam capturadas apenas em idades maiores, quando os bebês normalmente apresentam um aumento da linguagem. Dessa forma, os autores também relatam que não encontraram nenhum efeito indireto das habilidades parentais positivas em bebês quando utilizado frases com

três segmentos. Ademais, a pesquisa apresenta que, quando há mudança de habilidades parentais para o estilo democrático, essas mudanças imediatas podem trazer atrasos no desenvolvimento da linguagem infantil. Vale ressaltar que os outros artigos encontrados nessa pesquisa não apresentam essa mesma correlação.

Quanto a possíveis diferenças de gênero, no estudo de Cha (2016), os resultados mostram a relação das diferenças de gênero entre pais responsivos, onde os meninos são mais sensíveis a esse estilo parental durante o desenvolvimento inicial, e também previu altos níveis de comunicação apenas em crianças do sexo masculino. O pesquisador ressalta que esses resultados encontrados em seu estudo contradizem as pesquisas anteriores, que comprovam que a parentalidade sensível aos 12 meses predissesse a comunicação receptiva aos 24 meses entre meninos e meninas, com coeficientes de trajetória sendo maiores entre as meninas do que entre os meninos. Nota-se que a habilidade de linguagem das crianças está associada de forma positiva à quantidade de estímulos verbais com qualidade. A partir desse ponto de vista, que contradiz pesquisas anteriores, novas pesquisas sobre a diferença de gêneros na comunicação responsiva ajudariam a elucidar e criar novas ideias e definições sobre o tema.

O estilo parental, segundo Wang, Li e Zhu (2019), também pode influenciar no nível de inteligência emocional, o que leva à capacidade de interação e comunicação com os pares. Os autores descrevem que a capacidade de comunicação infantil entre pares desempenha um papel mediador parcial na influência do estilo parental na inteligência emocional das crianças. Quando estão interagindo com pares, aquelas crianças pequenas que conseguem lidar com conflitos e dominar as habilidades de comunicação aumentarão a quantidade de pares durante as brincadeiras e atividades coletivas (Cassidy, Werner, Rourke, Zubernis & Balaraman, 2003).

Os estudos incluídos nessa pesquisa não tiveram foco em pais permissivos, apenas em pais democráticos e autoritários, por isso, necessita-se de mais estudos acadêmicos sobre os efeitos da parentalidade na comunicação dos filhos, visto que, as publicações científicas têm o objetivo de divulgar para a sociedade novas descobertas e atualizações sobre vários assuntos que os permitem avaliá-los sob outras visões (Brofman, 2018).

As áreas de comunicação e linguagem são competências do fonoaudiólogo; a atuação do profissional não visa somente detectar e reabilitar alterações de linguagem ou de fala, mas também, busca elucidar aos pais os benefícios da comunicação familiar positiva. A interface entre psicologia e a fonoaudiologia é muito importante dentro da

parentalidade e da comunicação, pois ambas buscam a otimização do desenvolvimento da criança dentro dos aspetos cognitivos-sociais e também ajudam a criar condições favoráveis para que as capacidades de cada um possam ser exploradas e exercidas em sua plenitude, junto com a família (Goulart & Chiari, 2012). O profissional fonoaudiólogo deve estar atento as formas de comunicação parentais, pois são de grande valia para as terapias fonoaudiológicas, visto que pode haver impactos importantes no desenvolvimento da comunicação das crianças.

É importante ressaltar que os artigos selecionados nas bases de dados são na língua inglesa e de diversos países. Nota-se a falta de estudos e de pesquisadores interessados nesse tema na América Latina, principalmente no Brasil. Os estudos sobre os estilos parentais e comunicação são pouco difundidos e sua propagação aumenta a passos lentos na comunidade científica, apesar de sua grande relevância. Por ser algo pouco difundido, existem poucos pesquisadores e profissionais especializados no tema, então, o financiamento para realização de pesquisas científicas é escasso, fazendo com que a sociedade não tenha acesso a uma área de conhecimento que, no seu exercício, traz muitos resultados positivos.

Com o aumento de pesquisas e divulgações sobre o tema, a sociedade será beneficiada, principalmente aqueles que são pais ou que desejam ser e, conseqüentemente, os filhos também serão. As pesquisas existentes são relacionadas a outros países e com pais de outras etnias, por isso, é necessário ampliar as pesquisas voltadas para a realidade das famílias latino americanas, pois, apesar de os estilos de parentalidade estarem presentes em todo o mundo, existem particularidades e especificidades locais e regionais (Tudge & Freitas, 2012).

Conclusão

Os estudos sugerem que a parentalidade autoritária impacta de forma negativa na comunicação dos filhos, levando-os a um desenvolvimento de linguagem lento, dificuldade de relacionamento com pares, de regulação das emoções e baixa responsabilidade social, principalmente a longo prazo. A maioria dos achados desta pesquisa concordam que as crianças criadas por pais autoritativos possuem maiores níveis de comunicação e desenvolvimento de linguagem satisfatório para a idade; que essas crianças possuem maiores taxas de competências sociais e pessoais, maiores níveis de autoestima, autoconfiança e ajustamento comportamental, realização pessoal e social e melhores níveis de saúde mental.

Referências:

Baumrind, D., Larzelere, R., & Owens, E. (2010). Effects of preschool parents' power assertive patterns and practices on adolescent development. *Parenting: Science and Practice*, 10, 157-201.

Benchaya, MC; Bisch, NK; Moreira, TC; Ferigolo M; Barros, HMT. (2011). Pais não autoritativos e o impacto no uso de drogas: a percepção dos filhos adolescentes. *Jornal da Pediatria*, Vol. 87, nº 3. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572011000300010>

Berger, E. H., & Riojas - Cortez, M. R. (2012). *Parents as Partners in Education: Families and Schools Working Together*. Upper Saddle River: Pearson.

Bezerra, LMRS, Lima AS. (2020). Uma breve reflexão de como a disciplina positiva pode auxiliar no processo pedagógico na educação infantil. In: Congresso Nacional da Educação, VII.

Brás, P. M. F. (2008). Um olhar sobre a parentalidade (estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais actuais. *Repositorio.ul.pt*. Retrieved from <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/743>

Brofman, P. R. (2018). A importância das publicações científicas. *Revista Telfract*, v. 1, n. 1.

Campelo, A., Silva, C., Lima, D., Sousa, N., & Carmo, E. (2021). Comunicação verbal e não verbal: fatores que influenciam as relações entre líderes e liderados. *Revista Vox Metropolitana*, (5), 19–34. <https://doi.org/10.48097/2674-8673.2021n5p02>

Carvalho, A. DE J. A.; Lemos, S. M. A.; Goulart, L. M. H. DE F. (2016). Desenvolvimento da linguagem e sua relação com comportamento social, ambientes familiar e escolar: revisão sistemática. *CoDAS*, v. 28, n. 4, p. 470–479. doi.org/10.1590/2317-1782/20162015193

Carvalho, MSDP; Silva, BMB. (2014). *Estilos parentais: um estudo de revisão bibliográfica*. *Rev. Psicologia em Foco Frederico Westphalen* v. 6 n. 8 p. 22-42.

Cassidy, KW, Werner, RS, Rourke, M., Zubernis, LS, & Balaraman, G. (2003). A relação entre compreensão psicológica e comportamentos sociais positivos. *Desenvolvimento Social*, 12, 198-221. <https://doi.org/10.1111/1467-9507.00229>

Castro, F. A. L. (2014). Envolvimento paterno: associações entre as dimensões do envolvimento, os estilos parentais e a compreensão das emoções em crianças em idade pré-escolar. *Repositorio.iscte-iul.pt*. Retrieved from <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/9239>

Cha, K. (2016). Relationships among Negative Emotionality, Responsive Parenting and Early Socio-cognitive Development in Korean Children. *Infant and Child Development*. Published online in Wiley Online Library. DOI: 10.1002/icd.1990

Chong, WH, & Chan, CSY (2002). O papel mediador da conversa interna entre estilos parentais e inteligência emocional: uma perspectiva asiática com adolescentes de Cingapura. *Perspectivas Internacionais em Psicologia: Pesquisa, Prática, Consulta*, 4, 195-208. <https://doi.org/10.1037/ipp0000034>

Claire Hughes, C; Devine, RT. (2017). For Better or for Worse? Positive and Negative Parental Influences on Young Children's Executive Function. *Child Development*, Volume 00, Number 0, Pages 1–17.

da Silva, L. M. et al. Non-verbal communication; reflections on body language. *Revista Latino-Americana De Enfermagem*, v. 8, n. 4, p. 52–58, 1 ago. (2000).

de Oliveira, E. A., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravanello, T., & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização [Intergenerational authoritarian and authoritative parenting styles, marital conflict, and externalizing and internalizing behaviors]. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 1–11. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722002000100002>

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). Avaliação multidimensional de habilidades sociais em crianças: Procedimentos, instrumentos e indicadores. Em M. Bandeira, Z.A.P. Del Prette & A. Del Prette (Orgs.), *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal* (pp. 47-68). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Ferreira, P.R.; Lucena, A.M.; Machado-Nascimento, N.; Alves, R.O.; Souza, V.C.A.; Carvalho, S.A.S et al. (2016). Estratégias de percepção da língua materna: do nascimento até um ano de vida. Rev. CEFAC, v.18, n.4, p.982-91.

Fonseca, K.; Lomando, E. (2019). Parentalidade e adoção. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 30, n. 2, p. 9–19, 31 dez.

Garcia, D; Hungerford, GM; HILL, RM; Barroso, NE; Bagner, DM. (2018). Infant Language Production and Parenting Skills: A Randomized Controlled Trial. Behavior Therapy. doi:10.1016/j.beth.2018.09.003

Granja, MB; Mota, CP. (2018). Estilos parentais, adaptação acadêmica e bem-estar psicológico em jovens adultos. Análise Psicológica (2018), 3 (XXXVI): 311-326. doi: 10.14417/ap.1415

Grolla, E.; Silva, M. C. F. (2014). Para Conhecer Aquisição da Linguagem. São Paulo: Contexto. doi.org/10.22168/2237-6321.6.6.2.396-401

Guimarães, A. F. et al. (2013). Risk of developmental delay of children aged between two and 24 months and its association with the quality of family stimulus. Rev. paul. pediatri., vol. 31, no. 4, p. 452 - 458. ISSN 0103 -0582

Klunk, L. (2018). Aquisição da linguagem e aspectos fonológicos e socioculturais. Revista Espaço Acadêmico - nº 201 Ano XVII

Lorandi, A.; Cruz CR.; Scherer APR. (2011). Aquisição da Linguagem. Verba Volant, v. 2, no 1. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel. [s.l: s.n.]. 2011 Disponível em: <<http://letras.ufpel.edu.br/verbavolant/segundo/lorandi2.pdf>>.

Maccoby, E. E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: parentchild interaction. In Hetherington, E. M. (Ed.) & Mussen, P. H. (Séries Ed.), Handbook of child psychology, Vol. 4: Socialization, personality and social development (pp. 1 – 101). New York: Wiley

Maiari, F. DE A.; Soares, A. B. (2019). Diferenças nas práticas parentais de pais e mães e a percepção dos filhos adolescentes. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, v. 10, n. 1, p. 59–82, 1. ISSN 2236-6407

Marcuschi LA. (2007). Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização. 7. ed. Cortez: São Paulo.

Martins, R. M. F.; Mariano, L. F. (2020). Aquisição fonológica do português: um estudo longitudinal. *Revista do gel*, v. 17, n. 2, p. 148–169, 2. doi.org/10.21165/gel.v17i2.2742

Marturano, E. M.; Elas, L. C.S. (2016). Família, dificuldades no aprendizado e problemas de comportamento em escolares. *Educ. rev.* no. 59, p. 123-139. ISSN 0104-4060

Masud, H., Thurasamy, R., & Ahmad, M. S. (2015). Parenting styles and academic achievement of young adolescents: A systematic literature review. *Quality & Quantity: International Journal of Methodology*, 49(6), 2411–2433. <https://doi.org/10.1007/s11135-014-0120-x>

Goulart, BNG; Chiari, BM. (2012). Comunicação humana e saúde da criança - reflexão sobre promoção da saúde na infância e prevenção de distúrbios fonoaudiológicos. v. 14, n. 4, p. 691–696.

Ojeda MFV. (2020). Estilos de Crianza Parental en el Rendimiento Académico. *Podium*, (37), 89-106. <https://doi.org/10.31095/podium.2020.37.7>

Oliveira, JS.; da Rocha, ML.; Elane, C. (2008). As fases do desenvolvimento da linguagem escrita. *SOLETRAS - Revista do Departamento de Letras UERJ*. n. 15.

Papalia, D. E.; Olds, S. W.; Feldman, R. D. Desenvolvimento cognitivo nos três primeiros anos. In: *Desenvolvimento Humano*. 12. ed. Porto Alegre. 2013

Pereira, A. I. (2007). Crescer em Relação: Estilos Parentais Educativos, Apoio Social e Ajustamento – Estudo longitudinal com crianças em idade escolar. Tese de Doutorado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Ramos, A. P.; Bortagarai, F. M. (2011). A comunicação não-verbal na área da saúde. *Revista CEFAC*, v. 14, n. 1, p. 164–170. doi.org/10.1590/S1516-18462011005000067

Ribeiro, E. J.; Gomes, M. M.; Felizardo, S. A. (2015). Parentalidade e estilos educativos: Perspetivas de pais e crianças (educação pré-escolar). *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, p. 066–068, 21. doi.org/10.17979/reipe.2015.0.05.227

Ribeiro, P. R. L.; Tavares, M. C. G. C. F.; Caetano, A. S. (2012). Contribuições de Fisher para a compreensão do desenvolvimento da percepção corporal. *Psico-USF*, vol.17, no. 3, p. 379-386. ISSN 1413-8271

Sandri, M.A.; Meneghetti, S.L.; Gomes, E. (2009). Perfil comunicativo de crianças entre 1 e 3 anos com desenvolvimento normal de linguagem. *Rev. CEFAC*, v.11, n.1, p.34-41. doi.org/10.1590/S1516-18462009000100006

dos Santos, C. A. R. (2018). O impacto do desenvolvimento paterno e dos estilos parentais nas relações de coparentalidade?: um olhar sobre a parentalidade. Dissertação de Mestrado. [Repositorio.iscte-iul.pt](https://repositorio.iscte-iul.pt), 12.

Scarpa, E. M. A. (2012). Aquisição da Linguagem. In: Mussalim, F.; Bentes, A. C. (org). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 8. ed. São Paulo: Cortez, p. 241-271.

Silva M. (2019). Problemas emocionais/comportamentais em pré-escolares: associação com indicadores de saúde mental e estilo parental. Dissertação de Mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

Silva MEM. (2017). Estilo parental e variáveis psicossociais como fatores de risco ou proteção para a gravidez na adolescência. *Revista CESUMAR*, v. 22, n. 2, p. 443-462 DOI: <http://dx.doi.org/10.17765/1516-2664.2017v22n2p443-462>

Silva, AKL.; Silva TSF.; Rodrigues LGF.; Souza MO.; Teixeira VPG. (2018). O impacto da negligência familiar no desenvolvimento infantil. *Gep News*, v. 1, n. 1, p. 274–279, 8 nov.

Sofia, A.; DE, C.; Esteves, M. (2010). ESTILOS PARENTAIS E COPARENTALIDADE: Um Estudo Exploratório com Casais Portugueses. UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE PSICOLOGIA [s.l: s.n.].

Souza, M. T. DE; Silva, M. D. DA; Carvalho, R. DE. (2010). Integrative review: what is it? How to do it? *Einstein* (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102–106.

Tudge, J.R.H; Freitas, LBL. (2012). Parentalidade: uma abordagem ecológico-cultural. *In: Piccinini, C.A; Alvarenga P. Maternidade e paternidade: a parentalidade em diferentes contextos.* São Paulo. Casapsi Livraria e Editora. p.171 - 196.

Videira, T. et al. (2016). Comunicação humana e linguagem 1. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://proedu.rnp.br/bitstream/handle/123456789/602/Aula_01.pdf?sequence=1&isAll owed=y>.

Vigotski, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem.* Tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.

Wang, Y., Li, Z., & Zhu, L. (2019). Emotional intelligence of 3- to 6-year-olds and parenting style: Peer communication ability as a mediator. *Social Behavior and Personality: An international journal*, 47(12), e8636

Zorinig, S. M. A.-J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, v. 42, n. 2, p. 453–470.

Instruções para os autores

Revista Informes Psicológicos

Artigo de revisão. Documento resultante de uma investigação onde os resultados de pesquisas publicadas ou não publicadas são analisados, sistematizados e integrados, em um campo da ciência ou tecnologia, para dar conta dos avanços e tendências de desenvolvimento. Caracteriza-se por apresentar uma cuidadosa revisão bibliográfica de no mínimo 60 referências, a estrutura desses artigos será composta por: Resumo, Introdução (Abordagem do assunto em análise), Desenvolvimento do conteúdo teórico, Conclusões e Referências.

Aspectos formais e estrutura do artigo

Os artigos submetidos devem ser documentos originais e reunir as condições necessárias de coerência, coesão, clareza, especificidade, relevância e centralidade que os tornem comunicáveis.

Cabe esclarecer que o envio do artigo garante que os autores não infringem os direitos autorais e que o trabalho não foi publicado em outro periódico, nem está sendo submetido à avaliação.

O documento deverá ser enviado em Word, tamanho carta, fonte “Times New Roman”, tamanho 12 pontos com espaçamento 1,5, com margens esquerda e direita de 3 cm e margens superior e inferior de 2,5 cm. , a ser postado.

Para autores interessados em apresentar artigos, são feitas as seguintes recomendações, a fim de melhor atender às regras de estilo APA, que permitem que seu artigo entre nas bases de dados.

Tendo em conta o acima exposto, é importante verificar antes de enviar o artigo que está organizado nas seções seguintes:

1. Título: O título deve ter cerca de doze palavras.
2. Autores: Nome completo de cada um dos autores, nível de formação acadêmica, juntamente com a instituição em que trabalham e e-mails para contato.

3. **Resumo:** Deve ser um parágrafo de no máximo 150 palavras, dentro do qual devem ser incluídos os seguintes elementos na ordem: Objetivo, método, resultados e conclusões.

4. **Introdução:** Deve ser composto por vários parágrafos nos quais o construto estudado é contextualizado, dados epidemiológicos são divulgados se necessário, incluindo a revisão bibliográfica do assunto estudado em relação à população sobre a qual a pesquisa é realizada, contribuindo com referências recentes . Finalmente, incorpore o problema e o objetivo ao qual a pesquisa está respondendo.

5. **Método:** Esta seção deve conter tanto os participantes (descrição dos mesmos incluindo média e desvio de idade, critérios de inclusão e exclusão), instrumentos (com seus autores, descrição dos mesmos, validade e confiabilidade) e o procedimento.

6. **Resultados:** Neste segmento, os resultados obtidos no estudo devem ser explicados de forma clara e concisa. Podem ser incluídas no máximo seis ilustrações entre gráficos e tabelas, o que permite compreender esses resultados de forma mais simples e ordenada.

7. **Discussão:** Nesta seção, os resultados obtidos na pesquisa são comparados com pesquisas similares publicadas e com os construtos teóricos e/ou metodológicos; É necessário que você tenha uma citação que sustente esta seção.

8. **Referências:** Os artigos devem ter no mínimo 25 referências, exceto os artigos de revisão que devem conter no mínimo 60 referências, preferencialmente dos últimos 10 anos, segundo a norma APA, 7º. edição.

Palavras chave

Que definem o conteúdo do artigo e facilitam sua busca nas bases de dados. No mínimo 5 palavras, no máximo 10, que não estejam contidas no título, em minúsculas e separadas por vírgulas. Recomenda-se a utilização de palavras-chave que são comumente utilizadas na literatura científica para descrever o tema. Sugere-se utilizar os termos dos tesouros especializados das disciplinas correspondentes.

Resumo e palavras-chave/Resumo e palavras-chave

Tabelas e Figuras

1. Todas as figuras e tabelas devem ser mencionadas no texto e numeradas na ordem em que são apresentadas. Coloque em maiúscula as palavras Figura 1, Tabela 2, etc. no texto.
2. Explicar as abreviaturas de tabelas e figuras nas notas das tabelas e nas legendas das figuras.
3. Os dados já incluídos no texto não precisam ser apresentados também em tabelas; nas médias, desvios padrão, correlações e demais estatísticas que o permitam, o número de casas decimais será simplificado para dois; recomenda-se o uso de 3 linhas horizontais (duas superiores e uma inferior) e que não sejam incluídas linhas verticais, conforme a 7ª edição do Manual of Publication Style da American Psychological Association (APA).

Referências

1. Todas as referências citadas no texto devem constar na lista de referências ao final do artigo. Estes devem ser completos e organizados, de acordo com a 7ª edição do Manual de Estilo de Publicação da American Psychological Association (APA).
2. Inclua números de página para todas as citações no texto.
3. As referências devem ser ordenadas alfabeticamente pelos sobrenomes do primeiro autor.

Na seção “Referências”, o recuo deslocado deve ser usado com a função Formato de parágrafo, nunca quebrando linhas com retornos de linha ou usando tabulações. A palavra "e" deve ser substituída por "&" na seção de referências (assim como ao citar autores no texto entre parênteses).

O doi (Digital Object Identifier) ou o link de acesso à web (recuperado de <http://...>) deve ser incluído em cada um dos artigos e páginas da web consultados.